

A CHUVA CAI EM MEUS OLHOS

Thiago Gabriel Machado dos SANTOS¹

Laisa, eu diria, não consigo pensar em outra coisa. Está vendo bem aqui o dedo? É esse, o da nossa brincadeira. Pega nele, Laisa. Isso, assim. Eu mostro. Não seja tão tapada!

Teria de ensinar ensinava, depois que aprendesse nada de outra brincadeira.

Pronto, Laisa.

Ficaria espantada quando dissesse (não acreditava! não acreditava! não acreditasse, eu ia jurar de dedinho).

Passa na janela carregando dois baldes. Água caindo. A ponte estala. Tac, tac.

Pelo furinho da tábua, o suor escorrendo. Pinga, pinga. Desce pelo pescoço. Tanta virilidade. Deitada na tábua, Laisa, o suor caía sobre mim e eu rolava no chão frio. Mamãe falava machão, mas titia (fez até a sétima série) dizia, mansa, calma, virilidade. Bati pé nessa palavra. Tac, tac. Toda vez que a ponte estalava, repetia baixinho vi-ri-li-da-de.

Diabo, menina, o pão!

Laisa não ia acreditar mas ia dizer tudo, tudinho. Pedia segredo. Era só pedir segredo. As meninas da televisão juravam assim mindinho com mindinho. Jurado o primeiro e dito palavra bonita, jurava o segundo. Maior crescia, crescia e parava.

Uma coisa no estômago.

Eu passava por ali, Laisa. A água batia na tábua; encostei, meio bamba. Pé ante pé. A orelha grudada na parede não pensava, fechava os olhos, fria. Laisa, Laisa. Você não. Você precisava. Você que. Mas eu fiquei. Pensava na palavra. Na titia. Será que. Será que ela também se apaixonou assim? Bamba, fria, coisa no estômago.

O frescor da água inundando a parede do banheiro. A mão escorregava pela tábua, encostada, fria, curiosa pela fresta. O corpo moreno nu. Laisa, ah, Laisa. Nu. Tão nu. Não consigo pensar em outra coisa.

Dormia.

No sonho o corpo moreno ensaboado ia e vinha. O balde na mão, a água caía na tábua. Tac, tac.

O pão! O pão, garota!

¹ Universidade Federal do Pará, campus de Bragança. E-mail: gabrielthiago962@gmail.com

Jura, Laisa, mindinho com mindinho. Conto, conto tudo. Não consigo esquecer, não se pode esquecer. A visão surge da água fria, parada, quase atravessando a parede.

Sério.

Ele é sério, tão calado. Tão moreno. Os dois baldes, o ombro marcado, nada perturba. Tac, tac na ponte. Tac, tac, eu ouço no sonho. Corro, corro desesperada. É água para o banho, Laisa.

Por que eu penso tanto nisso?

Água-banheiro-parede.

Não gosto mais de paredes, Laisa. Quebro tudo. E no sonho a parede se dissolve (o professor Augusto na experiência com ácido, você diria, Laisa. Muito boa aluna, palavra), cai aos poucos, e eu atravesso. Parece grande a distância, tanto caminho. Ele com o balde na mão, suave, sério, rosto encovado. Sério, sério. Por que tanta seriedade, Laisa? Você dirá sempre foi assim. Mas eu estava ali, por que não sorrir? Também não sorria, caminhava-parava-suava. Cansada, o caminho ficava mais longo. Longo, longo. E ele não olhava, ele quase não olha, você falaria rindo.

Laisa, eu que só queria leite e mel... leite e mel? É a palavra que ouvi na missa. Céu de leite e mel. E queria o céu na terra de leite e mel, bastava que desse um sorriso. Tão sério, sério, sério. Bem ali próximo, como podia ser tão sério sem roupa, ensaboado?

Mas era.

Você olharia fundo nos meus olhos: menina, menina, agarraria as minhas mãos, coisa bem de mãe (parece que quer ser mãe, eu falei quando passou as mãos no meu cabelo e sorriu, lembra o que disse? Jamais, eu abortava! Fiquei branca, afastei; não, não, é pecado, pecado, queimava o meu ouvido; menina, menina, com voz suave, como se afagasse o filho assustado, não pense tanto), gostou do que viu? e eu ia cair de risos. Você olharia séria, séria igual ele ensaboando o corpo: não morde o lábio, Isa, Isinha, coisa muito feia morder o lábio, e gargalharia no riso de liberdade; gostei, gostei, e eu ficaria séria, pensando. Não pense tanto.

A mão sobre a minha, foi a primeira vez, tábua fria, água caindo, a respiração quente no pescoço, a mão dura.

Leite e mel, Laisa, eu só queria saber de leite e mel.

Consigo imaginar mais séria agora, próxima, a respiração quase nos meus lábios, cantando baixinho a música da nossa brincadeira: *o rapaz na ponte caminha, tac, tac no coração da Isinha, pra lá e pra cá o balde de água indo buscar*. E nós duas no riso louco, mamãe entrando no quarto, cadê o pão, Isa? O pão, Laisa, onde está o pão?

Não se vive só de pão, o padre repete na missa.

Eu nunca tinha entendido, Laisa.

Mas eu sei, eu sei! Se vive de leite e mel também, mas leite e mel é proibido, fechado a cadeado. Céu de leite e mel só para os escolhidos. Era por isso, eu entendia.

Vê, Laisa? Eu sou esperta também, inteligente igual a você, entendo coisas profundas. Será que agora eu poderia ler aquele autor? O russo de quem você enchia a boca, toda jeitosa, pronunciando devagar, dizendo que ele era profundo, filosófico, entendia a complexidade humana? Hein, Laisa? Será que eu também, que já sei que não se vive só de pão mas de leite e mel, entendo a complexidade humana?

Você séria, séria, segurando nas minhas mãos, tenha calma, pequena, a vida não é assim.

Laisa, você que é profunda, filosófica e entende a complexidade humana mais do que qualquer russo; você que é inteligente e presta atenção em todas as aulas, me diga, me diga! me liberte, Laisa! eu sou uma escolhida? Eu fui a eleita? Alguém de voz forte disse, como nos comerciais da televisão: Isabela Silva foi escolhida para conhecer o céu de leite e mel na terra. E todas as pessoas aplaudem, e eu, emocionada, grito: eu consegui, eu consegui!

Com as mãos entre as suas, encostada no seu ombro, Laisa: é para toda vida? É leite e mel para toda vida, sim? Eu preciso saber, Laisa. Você que entende mais do que qualquer russo: é essa toda a minha complexidade humana, Laisa, saber se o céu de leite e mel na terra é para toda vida?

Com os dedos cruzando os meus cabelos, ergueria o meu rosto: tenha calma, pequena, o tempo passa.

Não, não.

Fui a escolhida, a eleita. Será que eu também carrego um salvador, Laisa? Você abortaria um salvador? Quem iria nos salvar, Laisa, o padre dizia. Eu ouvia muito bem. O salvador, quem? Ele sabe, depois de pensar, Laisa, diria me atravessando? Eu não conseguiria olhar, esconderia o rosto no seu peito. Você que entende tudo o que é e o que não é, toda a complexidade humana, entenderia a resposta sem que eu falasse, tão poderoso é o teu conhecimento, Laisa. Enxugaria os olhos molhados, riria lembrando o que aquele poeta disse (lembra? Na porta da escola, repetiu muitas vezes pra mim) *eu não tenho teto nenhum sobre mim, e a chuva cai em meus olhos*.

A chuva cai em meus olhos, em todo o meu corpo. Ergo as mãos feito a imagem na igreja, pedindo a redenção dos meus pecados. Toda entregue. Consigo te ouvir, salvadora, redentora, Laisa. Chamo o nome com calma. Tenha calma, pequena, o tempo passa.